



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

A CONSTRUÇÃO DO HUMANO E A ALIENAÇÃO PELO TRABALHO EM KARL MARX (1818-1883)

William Robson Cazavechia¹

Aluno do curso de Licenciatura em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER); Mestre em Educação (História da Educação) pelo Programa de Pós-Graduação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM)

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo evidenciar algumas das concepções intelectuais de Karl Marx (1818-1883). Principalmente suas noções de História como construção do humano pelo trabalho e Alienação, apropriação privada dos produtos do trabalho social e coletivo. Marx, como intelectual, esteve diretamente engajado com a política de seu tempo e contribuiu de maneira determinante para seu desfecho ao lado da luta social do proletariado. Escreveu com Engels (1820-1895) o *Manifesto Comunista* (1848) e se propuseram delinear a constituição teórica para a transformação da sociedade. Trabalho com o qual Marx se dedicou sua vida toda. A sua obra consiste em uma análise crítica da sociedade Capitalista. Em suas análises, procedeu conforme a dialética materialista e concebeu a sociedade em sua concretude material. A História, nesse sentido, é a própria construção do humano pelo trabalho. Sua motricidade se deve ao conflito de classes estabelecido como contradição fundamental da sociedade capitalista juntamente com a contradição entre Capital e Trabalho. Com essa dialética negativa da sociedade, Marx não procurou somente uma descrição suficiente da sociedade, mas uma descrição da funcionalidade da sociedade capitalista com vistas a sua superação. A pesquisa se desenvolveu a partir das pressuposições metodológicas de uma pesquisa bibliográfica em história e filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Método Dialético; História; Conflito de Classes; Karl Marx; Século XIX.

1 INTRODUÇÃO

Pensar a História pode se fazer atividade sobre pensar o tempo enquanto evolução biológica da sociedade e da mente humana. Ou, evidenciar a História enquanto a construção do humano a partir das condições necessárias para o mantimento da sociedade e seu modo de produção material e cultural, a partir do conflito de classes. Essa se evidencia como uma análise a partir da síntese das forças produtivas da sociedade e não da vontade humana.

A primeira frase do texto é de uma orientação teórica que ficou conhecida como positivismo. A segunda, de orientação dialético-materialista se tornou uma explicação da sociedade, cuja finalidade foi transformá-la. As duas primeiras frases nos serviram como norteadoras, pois a partir delas o trabalho de pesquisa se iniciou. Neste texto, temos por objetivo elucidar a concepção de Karl Marx (1818-1883) sobre a História. A fim de atingir esse objetivo, fizemos este breve apontamento para sua distinção frente a concepção positiva da história¹.

Estas concepções de história são cosmovisões distintas uma da outra. Segundo Sartre (1905-1980), filósofo francês, o marxismo é uma concepção de mundo (SARTRE, 1973, p.116) insuperável pelas críticas, pois, para que se fundamentem terão que recorrer necessariamente às cosmovisões idealistas. Além disso, o próprio caráter revolucionário de suas proposições impede sua relativa superação.

Por isso, nos detivemos ao objetivo de evidenciar este modo específico de conceber a história conforme as interações deste pensador / intelectual revolucionário, que foi Marx, em relação às necessidades teóricas de sua própria época. O próprio proceder da leitura dos textos pertinentes ao tema pressupõe a relação de leitor com a escrita do autor. Os resultados da pesquisa são os

¹ A concepção de Augusto Comte foi abordada no texto, apresentado neste mesmo evento, sob o título: A EVOLUÇÃO HISTÓRICA E A RELIGIÃO DA HUMANIDADE EM AUGUSTO COMTE (1798-1857).



resultados dessa relação. Para tanto, os textos lidos são obras do próprio autor e de alguns de seus comentadores a fim de elucidar conceitos como também a história que os produziram.

Procedemos por meio da pesquisa bibliográfica. Tal procedimento pressupõe algumas etapas que foram seguidas: levantamento de textos sobre o assunto, cuja leitura está pressuposta na escrita do texto mesmo que não diretamente mencionados; delimitação e seleção dos textos do autor sobre o tema proposto e sugerido para análise; análise dos textos selecionados e sua posterior reverberação textual com vistas ao esclarecimento da problemática proposta.

A pesquisa sobre o pensamento de Karl Marx se justifica, nos dias atuais, por diversos motivos. Dentre eles, delimitamos alguns que consideramos de maior relevância em termos teóricos, e em outras palavras, aqueles que podem fundamentar a análise de um pensador crítico, tido como um clássico, nos dias atuais. O pensamento desse autor nos oferece instrumentos conceituais para analisar os conflitos e contradições de nossos dias, pode ser tomado como uma descrição real da sociedade capitalista em suas múltiplas determinações; Oferece também esclarecimentos sobre a História entendida como um processo de transformação do homem, pelo próprio homem, e sobre a natureza, pelo trabalho humano, o que nos alerta quanto aos rumos do direcionamento de nossa sociedade hoje; Além disso, a partir do pensamento crítico, podemos nos apropriar de nossa própria realidade afim de transformá-la; E, por último, com os resultados da pesquisa seremos capazes de analisar a relação entre Capital e trabalho na sociedade atual, marcada por reformas e crises políticas relacionadas a essa contradição.

Para tanto, a exposição da pesquisa no formato do presente texto se fez em duas partes principais. A primeira, está voltada para o aspecto filosófico e teórico do pensamento de Marx. Nela também estão presentes alguns dados biográficos e detalhes sobre suas principais obras. Elucida a questão de como o homem se constitui pelo trabalho. A segunda, mais voltada para a exposição de alguns de seus conceitos, resultados das análises feitas pelo autor sobre a sociedade de seu tempo. A pesquisa permeia, nesse sentido, os meandros da história e da filosofia.

2 A CONSTRUÇÃO DO HOMEM PELO TRABALHO

Karl Marx nasceu no ano de 1818, em uma província alemã chamada Treves, e, morreu no ano de 1883 na cidade de Londres. Toda sua vida e obra se perfizeram no conflituoso século XIX. Dos dias da juventude, na cidade em que nasceu, aos últimos dias de vida, presenciou e esteve engajado nos conflitos políticos e sociais de seu tempo. As transições ocorridas na Europa onde tanto o liberalismo revolucionário, vindo da França, quanto as reações do Antigo Regime, lideradas pela Prússia, se perfaziam nos rumos da economia e política. Nesse conturbado período transitório, estudou a filosofia hegeliana, tida como ideologia oficial. Nos seus primeiros anos de estudos em História e Filosofia expressou, em carta dirigida ao pai, algumas de suas primeiras impressões quanto ao idealismo alemão. Na época,

o movimento liberal alemão, influenciado das maneiras mais diversas pela Revolução Francesa, esperava conquistar o Estado Prussiano [...]. Por isso, concentravam seu ataque ao aliado mais fraco do Estado, abrindo fogo contra a Igreja e a Religião. Mas, faziam-no do interior do próprio sistema hegeliano, descobrindo um Hegel secreto em oposição ao Hegel manifesto, separando o método revolucionário do sistema reacionário (GIANNOTTI, 1996, p. 07).

Estas distinções primárias permeiam suas investigações. Frente aos interesses conflitantes dos diferentes grupos na sociedade de seu tempo, escreveu, aliado ao proletariado, sob condições nem sempre favoráveis. Apropriou-se deste método revolucionário afim de laborá-lo ainda mais, o



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

que nos faz, necessariamente, deparar com os desafios da construção de sua concepção de história. Pois, ela permeia suas análises desde de seus estudos hegelianos até seus escritos mais tardios. A dificuldade de análise que encontramos diante a concepção de Marx da história consiste no fato de que o próprio Marx não dedicou a ela uma exposição exclusiva, mas sempre a vinculou e a pressupôs em suas análises sobre o processo real de produção na sociedade capitalista. Não encontramos em sua obra algo que se espera de livros de historiadores que se dedicaram aos estudos do passado, como recortes precisos de períodos e sua descrição, ou, sínteses do processo de desenvolvimento histórico.

Conforme indica Hobsbawm (2013, p.222), ao se dedicar ao tema, o que “chamamos de escritos históricos de Marx consistem quase exclusivamente de análise política corriqueira e comentários jornalísticos, associados a um certo grau de contexto histórico”. Seguindo algumas proposições desse autor, entende-se que a história para Marx é uma questão de concepção de mundo, assim também afirmou Sartre. Prova disso encontramos na décima tese da ideologia alemã, o “ponto de vista do novo materialismo é a sociedade *humana*” (MARX, 1998, p.103). Uma visão de mundo que propõe transformar o mundo, não propor uma interpretação da sociedade humana ou do mundo como fizeram e fazem os filósofos “de diferentes maneiras; do que se trata é de *transformá-lo*” (MARX, 1998, p.103).

De acordo com a undécima tese do texto, citada por último, dedicada a desconstruir a ideologia alemã, é uma concepção de mundo que quer transformá-lo. Nos deteremos com maior acuidade a esse aspecto, delimitaremos melhor essa questão porquanto a história é, ademais, uma questão de método. Iniciaremos por uma citação do próprio Marx em seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* (1932): “No tengo que asegurar al lector familiarizado con la Economía Política que mis resultados han sido alcanzados mediante un análisis totalmente empírico, fundamentado em un concienzudo estudio crítico de la Economía” (MARX, 1985, p.48). Com o estudo crítico da Economia, Marx procurou superar o idealismo alemão, concepção ideológica da sociedade burguesa que legitimou a expropriação da classe trabalhadora. Nesse percurso, inicia seus estudos procurando na Economia Política as bases empíricas e materiais de suas análises. Tal empenho consistiu em virar a dialética hegeliana de “cabeça para baixo”². Afinal, como enunciou em sua crítica,

A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência (MARX, 1996, p 52).

Seu o objeto de estudo foi, em primeiro lugar, a ‘produção material’ (MARX, 1996, p.25). Soube-se também, que a organização história mais desenvolvida e diferenciada da produção, foi a sociedade burguesa. Assim, sua economia forneceu a chave da economia. Até então, conforme procederam metodologicamente os economistas, fizeram desaparecer as diferenças históricas e espelham a sua própria sociedade em todas as formas de sociedade (MARX, 1996, p 43). O proceder do de Marx foi diferente, pois seus resultados foram conduzidos “na produção da própria vida”, nas “relações de produção” correspondentes “a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais” (MARX, 1996, p.52). Com as transformações da base econômica

² “Em toda a ideologia, os homens e seus relações nos aparecem de cabeça para baixo como em uma câmera escura, esse fenômeno ocorre de seu processo de vida histórico” (MARX, 1998, p.19).



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

toda a enorme superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez. [...] não se pode julgar uma época de transformação a partir de sua própria consciência; ao contrário, é preciso explicar essa consciência a partir das contradições da vida material, a partir do conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção (MARX, 1996, p. 52).

As condições requeridas para uma análise material da produção da vida humana em sociedade foram delineadas. A estrutura e a superestrutura, colocadas como duas esferas da sociedade como um todo, permitiram a distinção do conflito entre as forças produtivas e as relações de produção. Tal empenho e procura se deram desde o final de seus estudos acadêmicos, quando começou a ocupar-se com problemas propriamente políticos e sociais, por ele considerados uma “oportunidade de tratar questões materiais” (GIANNOTTI, 1996, p.8-9)ⁱ esmerada em toda sua obra.

Mas, porque recorre, para tanto, a Economia Política? Conforme Giannotti, no terreno da sociedade civil, a superestrutura da sociedade, onde os homens se defrontam como particulares e proprietários, está o lugar de sua alienação. A Economia Política é a ciência dessa sociedade “nasce da forma de trabalho a que o sistema de produção, orientado para a posse e para o mercado, submete o trabalhador. O homem produz apenas para *ter* o produto de seu trabalho a fim de trocá-lo por um outro” (GIANNOTTI, 1996, p. 11). O ponto de partida foi, por certo, “indivíduos produzindo em sociedade, portanto a produção dos indivíduos determinada socialmente” (MARX, 1996, p 25). Esse foi o corte antropológico norteador de suas análises, assentado primeiramente em Engels (1820-1895), a partir da análise do pensamento de Feuerbach (1804-1872)³. Portanto, trabalho e homem em sua totalidade histórica, econômica e política, se colocaram como categorias que permitiram a observação da sociedade a partir de sua materialidade, no seu modo de produção.

Por isso, suas análises seguiriam o esteio de Adam Smith (1723-1790), Ricardo (1772-1823) e Proudhon (1809-1865) com o intento de trazer à tona um certo cinismo e os equívocos destes autores que legitimam expropriação do homem pelo próprio homem⁴. Afinal, “foram despojando o homem de suas qualidades propriamente humanas” (GIANNOTTI, 1996, p.11) e não foram suficientemente capazes de elucidar a materialidade da vida humana nos processos de produção da mercadoriaⁱⁱ.

Se por um lado, então, encontramos o inglês que “transforma os homens em chapéus, [por outro, encontramos] o alemão [que] transforma os chapéus em ideias” (MARX, 2007, p.95). O certo foi que, de acordo com Marx, as relações sociais, mesmo que naturalizadas por alguns economistas e filósofos, foram produzidas pelos homens, estão ligadas às forças produtivas e, em conformidade com elas, alteram-se. Como se alteram princípios, ideias e categorias em conformidade com as relações sociais, conforme estabelecidas pela produtividade material: “são tão pouco eternas quanto as relações que exprimem. São *produtos históricos e transitórios*” (MARX, 2007, p. 101). Tais elucubrações o alocou em posição diferente e divergente da dialética de Hegel, entendida, por seu idealismo, como uma distinção de bem e mal. Por isso, para Marx, o homem,

justamente pelo caráter de ser social, mantém uma relação ativa com a natureza. Tal como a conhecemos hoje, a natureza já não é original. Foi transformada pelo homem. O que não exclui

3 “Foi sem dúvida Feuerbach que, a partir de 1841, com a publicação de *A Essência do Cristianismo*, aglutinou todo o pensamento da esquerda hegeliana, formulando de um novo ponto de vista, a mais consistente crítica da filosofia da religião e da dialética hegelianas” (GIANNOTTI, 1996, p.8)

4 “A linguagem de Ricardo é o que há de mais cínico. Pôr na mesma linha os custos de fabricação de chapéus e os custos de manutenção do homem significa transformar o homem em chapéu” (MARX, 2007, p. 49). “Se antes Ricardo era censurado como um cínico, porque confundia homens com chapéus, agora Marx reconhecia que tal confusão não reside na cabeça do economista, mas provém da própria ordem das coisas do sistema capitalista” (GIANNOTTI, 1996, p.13). “Trata-se, antes, de representar a produção diferentemente da distribuição, como regida por leis naturais, eternas, independentes da História; e nessa oportunidade insinuam-se dissimuladamente relações burguesas como leis naturais, imutáveis, da sociedade in abstrato” (MARX, 1996, p 28).



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

a prioridade da natureza exterior dos pontos de vista ontológico e epistemológico. Só que esta prioridade não deve impedir o reconhecimento do homem enquanto ser ativo. Enquanto ser distinto da natureza da qual emerge. [...] Trata-se de transformar o mundo [...]. A prática é fonte, impulso e sanção epistemológica da teoria. Condensação e guia prática, a teoria se converte em força da história (GORENDER, 1998, p.XXXVII-XXXVIII)ⁱⁱⁱ.

Feuerbach, nesse sentido, foi evocado, afinal,

El hombre, de otra parte, no es una esencia que se repita idéntica de unos individuos a otros y esté dada de una vez para siempre, aunque se haya visto oscurecida y perturbada de distintas formas a lo largo de la historia. El hombre es un ser social cuya potencialidad originaria realizan en cada momento de una determinada forma las relaciones sociales en las que vive inmerso. La esencia del hombre feuerbachiano no existe más que como potencia histórica; el hombre real es lo que la sociedad concreta hace de él. La ciencia del hombre es la ciencia de la sociedad y el humanismo activo es la revolución” (LORENTE, 1985, p.12)^{iv}.

Marx definiu o trabalho alienado como o trabalho em relação à propriedade privada a partir de uma análise do salário em seu texto *Manuscritos Econômicos*. Em *Miséria da Filosofia* (1947), a partir do valor de uso e de troca, assinalou dialeticamente a relação de espoliação necessária da classe burguesa sobre o proletariado tendo em vista a obra de Proudhon, considerada uma utopia constituída em princípios das exposições de Ricardo. Essa passagem também assinalou já seu encontro com Engels e o texto de *Miséria* se propôs como uma etapa da transição da dialética a dialética materialista. De Hegel, Feuerbach, juntamente com toda a esquerda hegeliana, se apropria da dialética em seu sentido negativo. Ainda sim filosófica, mas, negativa; ora o Espírito é substituído pelo homem.

O homem criou a si mesmo. Precisaram então, primeiro Engels, e, em seguida Marx, de um cunho científico capaz de formular uma crítica teórica efetiva da sociedade capitalista. A princípio foi dialeticamente formulada em uma crítica à *Ideologia Alemã* (1832), estrategicamente politizada no *Manifesto Comunista* (1848), e, terminada em *O Capital* (1867).

A concepção da história de Marx é dialética e materialista. Uma concepção em que as ideias ou o espírito humano não alteram o mundo. A partir da economia política, demonstra que é pelo trabalho, e, portanto, no conflito de classes que a História se perfaz. Uma vez o homem, compreendido em sua própria história material, movida pelo conflito de classes entre burgueses e proletários, poderá então se desalienar. A classe que pode alterar a ordem das coisas na sociedade burguesa é o proletário. A revolução consiste em se apropriar coletivamente dos meios de produção, conseqüentemente, dos produtos socialmente produzidos. Consiste na emancipação do homem que se apropria coletivamente em detrimento da apropriação privada que tornou o homem e sua humanidade também em uma mercadoria.

Ou seja, Marx e Engels substituíram “o programa contra a propriedade privada em geral pelo projeto da apropriação coletiva [...] atingindo o funcionamento do modo de produção capitalista” (GIANNOTTI, 1996, p.13) e sua fonte de alienação, o trabalho.

São os homens que produzem suas representações, suas ideias etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real (MARX, 1998, p.19).

E mais,

Ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui é da terra que se sobe ao céu. Em outras palavras, não partimos do que os homens dizem, imaginam ou representam,



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

tampouco do eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, [...] partimos dos homens em sua atividade real, é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das representações ideológicas desse processo vital (MARX, 1998, p. 20)⁵.

As premissas da História, portanto, são os homens, em seu processo vital, se construindo a si mesmos pelo trabalho. “Não os homens isolados e definidos de algum modo imaginário, mas envolvidos em seu processo de desenvolvimento real em determinadas condições, desenvolvimento empiricamente visível” (MARX, 1998, p.20). Somente assim a História será concebida como um processo vital e já não uma coleção de fatos. Nas palavras de Marx, esse é o primeiro fato histórico, “a produção da vida material [...] condição fundamental de toda a história” (MARX, 1998, p.21).

Em seu livro *Miséria da Filosofia* esclareceu que os teóricos da classe proletária são os socialistas e os comunistas, uma vez que, os economistas são os cientistas da classe burguesa. Aqui, se anuncia a História como conflito de classes, como teoria revolucionária da classe proletária.

[Pois] à medida que a história avança e que com ela a luta do proletário se desenha mais nitidamente, eles deixam de ter a necessidade de procurar a ciência em seu espírito, basta apenas inteirar de que se passa diante seus olhos e se tornar o órgão disso. [...] A partir desse momento, a ciência produzida pelo movimento histórico, e a ele associado com pleno conhecimento de causa, deixou de ser doutrinária, tornou-se revolucionária (MARX, 2007, p.114).

A apropriação pela classe trabalhadora das categorias de análise da sociedade capitalista delineadas teoricamente por Marx, tornou-se a forma da alteração e superação desse modelo de sociedade orientada pelas demandas do Capital. O capitalismo, vale ressaltar, é um modelo econômico de uma sociedade que emerge entre os séculos XVI e XVIII e atinge seu apogeu no século XIX. Entretanto, não é ela a única sociedade possível.

3 O MOVER DA HISTÓRIA, CONFLITO DE CLASSES E A ALIENAÇÃO

Marx e Engels assinalam que a burguesia moderna é um produto. Se produto, resultado de um processo que se desenvolveu a partir de uma série de transformações no modo de produção (MARX; ENGELS, 2005). Tal assertiva implicou que não foi por uma evolução da natureza ou da mente que o estágio de então do capitalismo burguês foi alcançado. Conforme Giannotti (1996), em princípio, o que parecia uma reorganização do Estado, transformou-se em possibilidade de revolução com força suficiente para modificar a sociedade como um todo. Somente enquanto processo constituído historicamente, com o estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, a burguesia conquistou a soberania política pelo Estado⁵ representativo moderno (MARX; ENGELS, 2005).

Diante tais elucidções, então, a exposição dos comunistas se torna mais incisiva em forma de um *Manifesto*, próprio do partido (MARX; ENGELS, 2005). Tal iniciativa teve por objetivo oferecer à classe proletária o aparato conceitual que lhes serviu e a teoria que lhes permitiu analisar criticamente a sociedade para a transformação da mesma. Afinal, “toda luta de classes é uma luta política” (MARX; ENGELS, 2005, p.46). Os homens que estiveram até agora envolvidos por ideias falsas a respeito de si mesmos e do que deveriam fazer ou não, organizaram-se em função de representações que não lhes garantiam apreensão da realidade, antes de tudo, social (MARX;

⁵ “O executivo no Estado moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa” (MARX; ENGELS, 2005, p.42).



Encontro Internacional de Produção Científica 24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

ENGELS, 1998). Agora já não mais, pois sabe-se que ao “produzir seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material” (MARX; ENGELS, 1998, p.10).

Conforme Marx e Engels, a “história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes” (MARX; ENGELS, 2005, p.31). Sinalização enfática da concepção histórica a partir da dialética materialista. Materialista porque materializa a História em seu cerne empírico, o conflito de classes. Sintetiza, a partir dessa totalidade, as forças da sociedade moderna, que brotaram das ruínas da sociedade feudal, e não aboliu os antagonismos das classes Burguesa e Proletária (MARX; ENGELS, 2005). Destarte, então, a historiografia deve partir da transformação do mundo e da natureza pela ação dos homens no curso da sua própria História (MARX; ENGELS, 1998). História, conflito de classes, onde se constitui o trabalho do homem sobre si mesmo. Concebido assim, o “proletariado só pode existir, portanto, *em termos de história universal*, assim como o comunismo, que é a sua consequência, só pode se apresentar enquanto existência “histórica universal”” (MARX; ENGELS, 1998, p.32).

Resta ainda algumas ponderações, pois, onde podemos evidenciar a materialidade de tal conflito? A empiria da análise? Mais uma vez recorremos a seus *Manuscritos*. Nele, Marx (1985, p.51), ao investigar a economia e a política, fez a seguinte afirmação: “el *salario* está determinado por la lucha abierta entre capitalista y obrero”. Ou seja, uma análise da questão do salário, determinado pela luta entre capitalista e trabalhador, nos ofereceu esclarecimentos valiosos quanto aos rodeios do conflito de classe que move a História. Esse foi também o mote das análises dos economistas, cientistas da burguesia, ao definir as leis e regras da economia e suas consequências políticas. Em uma História em movimento encontramos, nesta questão, o ponto de divergência pujante, pois, uma cadeia de elementos componentes da espoliação do proletário pela burguesia se desencadeou. O salário produziu lucro, afirmou a propriedade e o trabalhador como alienado de si e de seu trabalho, manteve o Capital e a divisão do trabalho, coisificou o homem e o transformou em mercadoria. Enquanto tal, admitida sua utilidade, vendeu sua força de trabalho, e, portanto, o impossibilitou construir-se emancipado. O fez miserável, conforme Marx,

La existencia del obrero está reducida, pues, a la condición de existencia de cualquier otra mercadería. El obrero se ha convertido en una mercancía y para él es una suerte poder llegar hasta el comprador. [...] Pero en el estado ascendente de la sociedad, la decadencia y empobrecimiento del obrero son producto de su trabajo y de la riqueza por él producida. La miseria brota, pues, de la *esencia* del trabajo actual. [...] El estado de máxima prosperidad social, un ideal, pero que puede ser alcanzado aproximadamente y que, en todo caso, constituye la finalidad, [...] es, para el obrero, *miseria estacionaria*” (MARX, 1985, pp. 52; 58 e 59).

Tal condição, imposta pela economia moderna, evidenciou o salário como hospedeiro mais vil da lei do valor, da doutrinação de Ricardo e como de sua interpretação utópica por Proudhon⁶. O trabalho, sendo ele a própria mercadoria, aliena o homem e garante ao capitalista explorar o trabalhador. Como mercadoria, mede-se pelo tempo preciso para produzi-lo, “isto é, para fazer viver o trabalhador e para colocá-lo em condições de programar sua raça. O preço natural de trabalho não é outra coisa senão o mínimo de salário” (MARX, 2007, p.50).

A definição do Capital como propriedade que garante explorar o trabalho alheio está aí. Uma coisa que cresce por si mesma e se concretiza em uma relação social de espoliação. O sistema capitalista todo, desse modo, foi orientado para a exploração da mais-valia (GIANNOTTI, 1996, p.16). Fato esse que nos coloca no lugar social das formas das trocas,

⁶ A teoria dos valores de Ricardo é a interpretação científica da vida econômica atual; a teoria dos valores de Proudhon é a interpretação utópica da teoria de Ricardo” (Marx, 2007, p.48).



Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

condicionadas pelas forças de produção existentes em todas as fases históricas que precedem a nossa e por sua vez as condiciona, é a *sociedade civil*, [...] essa sociedade civil é a verdadeira sede, o verdadeiro palco de toda a história e vemos a que ponto a concepção passada da história era um absurdo que omitia as relações reais e se limitava aos grandes e retumbantes acontecimentos históricos e políticos.

O conjunto das relações materiais dos indivíduos foi compreendida pela sociedade civil no interior de um determinado estágio de desenvolvimentos das forças produtivas. Compreendeu, assim, o conjunto da vida comercial e industrial de um estágio e ultrapassou, por isso mesmo, o Estado e a nação (MARX, 1998).

4 CONCLUSÃO

O materialismo dialético se perfaz a partir das postulações e análises conforme a economia política e antropologia. Em termos filosóficos implicam finalidades distintas. O materialismo visa a explicação da sociedade para alteração da mesma. Marx esteve aliado às lutas dos trabalhadores, ao proletariado. A revolução, de fato, não se daria pela ordem, mas pela alteração da ordem estabelecida. Ou seja, ansiou pela superação da alienação produzida no âmbito da sociedade civil pela forma de trabalho que o sistema produtivo capitalista, orientado para a posse e para o mercado, submeteu o trabalhador.

REFERÊNCIAS:

GORENDER, Jacob. Introdução: o nascimento do materialismo histórico. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998 (pp. VII-XL)

GIANNOTTI, José Arthur. Marx: vida e obra. In: MARX, Karl. **Para uma crítica da economia política; Do Capital**; O Rendimento e suas fontes. Tradução de Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1996 (pp. 5-24). (Os Pensadores)

HOBSBAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia da Letras, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. Tradução de Alvaro Pina. 4ª reimpressão. São Paulo: Boitempo editorial, 2005.

MARX, Karl. **Manuscritos: economía y filosofía**. Traducción y introducción de Francisco Rubio Llorente. 11. ed. Madri: Alianza Editorial, 1985.

MARX, Karl. Para a Crítica da Economia Política. In: MARX, Karl. **Do Capital; O Rendimento e suas fontes**. Tradução de Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1996 (pp. 25-56). (Os Pensadores)



X
EPCC

Encontro Internacional
de Produção Científica
24 a 26 de outubro de 2017

ISBN 978-85-459-0773-2

MARX, Karl. Do Capital. Livro Primeiro: parte primeira: o capital em geral. In: MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**; O Rendimento e suas fontes. Tradução de Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1996 (pp. 57-188). (Os Pensadores)

MARX, Karl. O Rendimento e suas fontes. In: MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política; Do Capital**. Tradução de Edgar Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1996 (pp. 189-254). (Os Pensadores)

MARX, Karl. **A Miséria da Filosofia**. Tradução: Paulo Roberto Banhara. São Paulo: Editora Escala, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. Questão de Método. In: SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**: A Imaginação; Conferências e Escritos Filosóficos. Tradução de Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (pp. 115-204)

i “Toda crítica, porém, permanece inócua, diz Marx, se não atinge a raiz do próprio homem, a ele mesmo enquanto ser concreto e a sociedade no interior da qual vive e se manifesta. Em virtude do próprio Estado moderno, surge uma classe, desprovida de todos os direitos e de todos os bens, por isso, de tal modo alienada que sua liberação só pode ser feita por meio da supressão dos laços opressores da sociedade como um todo, superando assim, qualquer tipo de alienação” (GIANNOTTI, 1996, p.10)

ii “orientação que revela uma mudança radical de Marx diante a Economia Política, que se percebe claramente se forem comparados os Manuscritos Econômicos-Filosóficos de 1844 com a Miséria da Filosofia, escrito durante o inverno de 1846/47. Proudhon acabara de publicar Filosofia da Miséria, cujo programa político centra a luta contra a sociedade capitalista no controle sobre os lucro e juros”

“A análise de tais mecanismos só pode ser feita, segundo Marx, levando em consideração os resultados da Economia Política, passando em revista, de forma crítica, os processos de produção da mercadoria.

iii O encontro com Engels, dadas as coincidentes perspectivas e resultados, os levaram ao desenvolvimento de trabalhos em comuns. Nem o primeiro destes trabalhos foram publicados e foram expulsos da França devido ao empenho de um “amplo entrosamento da teoria com os proletários, pois, diziam, nada é mais ridículo de que uma idéia isolada de interesses concretos”. “Marx e Engels redigiram a Ideologia Alemã, um balanço de suas próprias consciências filosóficas, onde a ruptura com Feuerbach, por certo, ocupa o lugar importante” [...] “Para Marx e Engels, por desconhecer o caráter ativo dos objetos naturais, mediados pela prática do homem, Feuerbach caiu numa concepção especulativa sobre a naturalidade do homem, desligada da política e da história, do desenvolvimento de si próprio a partir de suas condições reais” (GIANNOTTI, 1996, p.12)

iv “El mundo humano es obra del hombre y ha de ser siempre estudiado y comprendido em función de una determinada idea del hombre, de una Filosofía. Reducirse a aceptar lo dado, tratar positivamente al hombre y la sociedad existentes, es aceptar la idea del hombre que esa sociedad y ese hombre realizan. La ilusión de la Economía”. (p.15)

“La rebelión de Marx contra la Economía es la rebelion contra esa Filosofía oculta y por eso doblemente peligrosa. [...] La unión de Economía y Filosofía es el primer paso inelutible para comenzar a estudiar seriamente sociedad moderna y este avance epistemológico, al que tal vez cabe calificar como fundamento de todos sus restantes hallazos, lo hace precisamente em los Manuscritos” (p.15)

v A moral, a religião, a metafísica e todo o restante da ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, perdem logo sua autonomia [pois são resultantes da vida material do homem]. Não tem história, não têm desenvolvimento; ao contrário, são os homens que, desenvolvendo sua produção material e suas relações materiais, transformam, com a realidade que lhes é própria, seu pensamento e também os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência, [...] corresponde a vida real, partimos dos próprios indivíduos reais e vivos. (MARX, 1998, p.19-20)